

“TE AMO MAIS QUE A LUZ DO DIA”: AS RELAÇÕES AMOROSAS E A SEXUALIDADE JUVENIL, FEIRA DE SANTANA (1960).

Alessandro Cerqueira Bastos

Universidade Estadual de Feira de Santana, cerqueirasandro@hotmail.com

Resumo

Esta comunicação discute as práticas e representações relativas a sexualidade juvenil em Feira de Santana, nas décadas de 1960, através de um processo de sedução. A partir deste processo, procuramos compreender, por meio de um estudo de caso, o cotidiano amoroso do casal, Roberto Erasmo e Florência, personagens centrais de um caso amoroso que ocorreu nesta cidade. Consideramos que os significados atribuídos às afetividade e sexualidade humanas são construídos a partir de variáveis socioculturais e em função do tempo e do espaço em que foram forjados. Da mesma forma, entendemos que estas práticas culturais estão inscritas nas relações de poder e estabelecidas historicamente em dada sociedade e só podem ser melhor investigadas sob uma perspectiva interseccional de gênero, classe e geração.

Palavras-chave: Amor, Sexualidade, Juventude.

Embora os aspectos biológicos e psicológicos possam influenciar no ato sexual e no afeto, a sexualidade e a afetividade humanas também são práticas culturais e até mesmo os elementos biológicos aí presentes estão sujeitos a significações culturais que variam no tempo e espaço em que são estabelecidas. Desejo e amor fazem parte de uma gramática não só sexual, isto é, relativa a tudo que envolve a prática sexual e suas representações, mas também do gênero, pois este “é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” (SCOTT,1989,p.21).A partir desta categoria de análise , nos interrogamos como desde a tenra idade, os corpos sexuados estão sendo interpretados e como suas diferenças, social e culturalmente produzidas, são convertidas em hierarquizações e dominação social (idem,ibid).

Esta investigação é um estudo de caso que se fundamenta em uma análise de processo crime de sedução. Por sua vez, este processo faz parte de uma série de processos crimes de sedução que ocorreram na cidade de Feira de Santana, entre os anos de 1940 a 1960 e sob os quais me debruço como bolsista do projeto de pesquisa “A sexualidade juvenil soteropolitana (1970-1990): as representações sobre a violência e o lúdico da prática sexual”, de autoria da Profª. Andréa da Rocha R. P. Barbosa. O nosso objetivo é compreender as práticas sexuais e amorosas vivenciadas pelos jovens do período estudado, bem como as representações elaboradas a respeito destas relações entre um homem e uma mulher ambos jovens, porém de classes sociais diferentes¹. Igualmente,

¹ Ao nos referimos a práticas e representações estamos em diálogo com as formulações da História cultural, a este respeito ver CHARTIER, Roger. **A história cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

investigamos como as relações amorosas vividas entre estes jovens foram norteadas pelos ideais românticos, embora nem sempre de maneira plena. Para tanto, busca-se compreender estas relações e a apropriação deste sentimento a partir de uma abordagem interseccional de gênero, classe e geração. Esta perspectiva justifica-se pela permanência de uma estrutura machista na sociedade brasileira e, conseqüentemente, da assimetria entre os gêneros.

Recorre-se como metodologia o estudo de uma micro realidade com o intuito de compreender aspectos normativos e representações sobre as afetividades. Por se tratar de um estudo de caso, nossa investigação está ancorada na noção de que as realidades micro se relacionam com o todo social e que as diversas escalas de observação podem “(...) revelar dimensões inesperadas dos objetos e, com sorte, perturbar convicções arraigadas no domínio da história” (LIMA,2006, p.14). Esta abordagem metodológica se assemelha a micro história, principalmente por que se fundamenta em uma narrativa interpretativa e na redução na escala. No entanto, não utilizamos o caso investigado como meio para alcançar outras experiências históricas, mas sim como um objeto em si mesmo, sobre o qual buscamos uma explicação das lógicas históricas que os constituíram.

Ao investigar as sexualidades juvenis, buscamos abrir possibilidades para as representações destas práticas em outras épocas para que se possamos compreender as permanências e rupturas em relação a esta pratica cultural em nossa sociedade. Além das contribuições interpretativas do conceito de gênero, recorreremos à historicidade do conceito de amor romântico. Atento às configurações culturais que o amor romântico adquire no Ocidente, Anthony Giddens (1993) nos explica que a partir do idos finais do século XVIII, o amor romântico começa a marcar presença. De acordo com Giddens (1993, p.54), “o amor romântico era essencialmente um amor feminizado”, associado as posições normativas para a feminilidade. Além disso, “o amor romântico introduziu a ideia de uma narrativa para uma vida “individual” na qual contar uma história é um dos sentidos do romance, mas esta história tornava-se agora individualizada” (GIDDENS, 1993, p.50). De fato, “as ideias sobre o amor romântico estavam associadas à subordinação da mulher ao lar e ao seu relativo isolamento do mundo exterior” (Idem, Ibid.). No entanto, as estratégias femininas que envolviam a escolha de parceiros, demonstração de afetos e desejos demonstram que as “ histórias românticas não era[m] em qualquer sentido um testemunho de passividade” (Idem, p.55).

Nossas fontes principais são os processos crimes. A partir da modificação no código penal ocorrida em 1940, algumas tipologias de crime modificaram-se, ganhando novos contornos. O crime de sedução está contido no capítulo II do referido código, no artigo 217 que o define como sendo o ato de seduzir mulher virgem sendo menor de 18 (dezoito) anos e, ainda, tendo idade maior que 14

(catorze) anos por meio de algum artifício, estratégia de conquista. Para a concretização da sedução era necessário que o sedutor se aproveitasse não só da inexperiência da ofendida, mas também de que gozasse de sua confiança para finalmente ter com ela conjunção carnal. No entanto, crime só era reconhecido caso houvesse cópula vagínica. Assim iluminados pela legislação vigente a época e a partir de uma série de processos crimes de sedução, localizamos uma história quase esquecida envolvendo jovens namorados, datada da década de 1960 e que aconteceu na cidade de Feira de Santana, Bahia.

Ao longo das primeiras décadas do século XX, esta cidade possuía um crescimento marcante ligado a atividade comercial e acompanhado de crescimento demográfico. Dessa forma, a fisionomia da cidade foi alterada, pelos esforços modernizantes e progressistas planejados pelos setores dominantes². Para tornar a cidade moderna e civilizada, estes grupos dominantes, através de projetos urbanos, precisavam sanear os elementos indesejados que remetiam, supostamente, em suas concepções, o atestado do atraso e da barbárie. Assim, os corpos desajustados que circulavam pelas ruas, o convívio insistente com os traços rurais precisava ser eliminado para que o projeto fosse bem-sucedido. Dessa tentativa de projetar uma nova cidade, surgem novos espaços para as afetividades tais como os clubes, teatros, cinemas que, no entanto, conviveram com espaços distantes, com matos e pouca iluminação cenários das mais diversas aventuras sexuais.

Nesta história amorosa – Florência e Erasmo³ – precisam ser interpretados sob aos padrões morais e sociais que rigidamente estruturavam a sociedade feirense a época. A vida da moça Florência não se parece com a de outras jovens, pois não era comum ser filha de mãe desquitada. Não sabemos com certeza a profissão da mãe de Florência, mas de qualquer forma o que sabemos que esta família composta por mais três membros, todas crianças e que dispunham de pouquíssimos recursos. Quando a mãe de Florência apresentou a queixa na delegacia, a jovem já contava com dezesseis anos idade e o seu namorado, Erasmo, também menor de idade, só era um ano mais velho que ela. Os pombinhos se conheciam desde criança, mas namoravam aproximadamente há um ano. Por certo a melhor condição econômica do rapaz foi impedimento ao casamento dos dois, pois tudo indica que os pais de Erasmo ocupavam os estratos intermediários da sociedade, de certo não eram ricos, mas diferente

² Para uma discussão sobre a modernização e crescimento urbano em Feira de Santana, ver OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Feira de Santana em tempos de modernidade: olhares, imagens e práticas do cotidiano**. (1950-1960). Recife: UFPE, 2008. (Tese de Doutorado).

³ Todos os nomes utilizados ao longo deste trabalho foram alterados.

de dona Adelice, mãe de Florência, possuíam algum recurso para manter a família em relativo conforto e consumo de bens.

Certamente, o fato da mãe de Florência ser separada contava como pontos negativos na decisão final deste processo. Para a família da moça, recorrer à justiça representava a restituição da honra e a possibilidade de casa-la garantindo com isso a sua aceitação na sociedade. Por esse motivo, no decorrer da história, os envolvidos adotam representações de moralidade culturalmente compartilhada com intuito de reforçar a defesa ou acusação. A exemplo do pai de Erasmo que, em depoimento no dia 2 de março de 1967, afirma que “por intermédio de Alberto Falcão foi informado que Florência tinha o costume de roubar” (CEDOC – Centro de documentação e pesquisa -UEFS, processos-crime, est. 05, cx. 126, doc. 2482, fl.19) é ilustrativo para pensar estas apropriações entre os estratos sociais da noção de moral, sobretudo, no que se referem as camadas mais empobrecidas. Em contrapartida, a família do jovem Erasmo mais bem abastada é retratada como “uma verdadeira colmeia onde todos produzem algo de útil, onde não se verificam escândalos e a educação dos filhos e a sua orientação para o bem é a meta principal” (CEDOC – Centro de documentação e pesquisa -UEFS, processos-crime, est. 05, cx. 126, doc. 2482, Fl.48).

As análises presentes neste estudo, apontam que nossos personagens costumavam se encontrar a noite, passeavam com muita frequência pelos clubes e festas dançantes que aconteciam na cidade de Feira de Santana dos anos de 1960. Em 2 de março de 1967, o próprio Erasmo afirma que “frequenta sociais desde a idade de 16 anos; que desde de criança gosta de cantar e por isso organizou um conjunto de garotos e esse conjunto sob regência do declarante, aos sábados se apresenta nos clubes socais da cidade, principalmente no Clube Cajueiro” (CEDOC – Centro de documentação e pesquisa -UEFS, processos-crime, est. 05, cx. 126, doc. 2482, fl.20). Talvez isso justifique o suposto sucesso que este rapaz fazia entre as jovens que, como sugere seu pai, ele “tem tido diversas namoradas e namorou com Florência como o fazia com as outras, sem compromisso para casamento” (Idem, fl.19). Isto revela uma rede de sociabilidades no mercado sexual que caracterizavam os adolescentes da cidade e como sugere Rodrigues (2007) a adolescência é pensada, em nossas sociedades ocidentais, sobretudo, a partir do começo da puberdade masculina e feminina e das escolhas dos objetos heterossexuais do desejo. Portanto, esta fase da vida se situa “no interior das margens móveis entre dependência infantil e a autonomia da idade adulta” (LEVI, SCHIMITT,1996, p.8).

De acordo com Rodrigues (2007, p.61), “a noção de adolescente (...) está intrinsicamente ligada à de juventude, e esta última ao aspecto geracional”. Embora, “todo adolescente [seja]

concebido como um jovem, nem todo jovem é adolescente”. Mesmo “que nenhum limite fisiológico basta para identificar analiticamente uma fase da vida” (LEVI; SHIMITT,1996, p.8), as mudanças corporais, a exemplo da menstruação e aparecimento de pelos pubianos, têm sido interpretadas como parâmetro para defini-las. Da mesma forma, as fases da vida são estabelecidas através das diferenças entre os gêneros, a todo momento Erasmo é representado positivamente pelos seus pais, Florência, por sua vez, é descrita pelo pai do seu namorado como tendo um “mal (*sic*) procedimento” (CEDOC – Centro de documentação e pesquisa -UEFS, processos-crime, est. 05, cx. 126, doc. 2482, Fl.19). Em verdade, durante o processo, ao descrever sua vida sexual e afetiva, Florência revela que “ quando menina brincando com uma companheira de infância, escreveu no braço com castanhas as iniciais L. A(...)[Ela] escreveu essas letras por que na época se dizia que a declarante namorava com m menino que tinha essas iniciais” (CEDOC – Centro de documentação e pesquisa -UEFS, processos-crime, est. 05, cx. 126, doc. 2482, Fl.75). Este fato nos aponta não só para uma precocidade sexual infanto-juvenil, mas também que desde tenra idade as meninas são orientadas a romantizar as relações e a acreditar que só serão felizes quando encontrarem um relacionamento monogâmico e heterossexual.

O desenrolar da aventura amorosas entre os dois jovens envolveram as duas famílias em uma trama de conflito de interesses e poderes. Nestes conflitos, como afirma Esteves, os“ referenciais sociais e morais eram acionados, iniciando-se uma espécie de disputa política. Passando o conflito, todos voltavam a viver normalmente, absorvendo as mudanças e as novidades morais” (p.132). Com efeito, a mãe de Florência, ao perceber que a reputação da sua filha estava em jogo, bem como a sobrevivência desta e de sua futura neta, em 6 de março de 1957 escreve uma carta a um certo Florisvaldo, para expor o que está “passando com sua filha Florência a Patrícia Melo, dona da casa onde sua filha está hospedada, está forçando um namorado para sua filha com o Erasmo seu filho, o qual está sendo processado por ter deflorado uma menor de 16 anos em Dezembro passado” (CEDOC – Centro de documentação e pesquisa -UEFS, processos-crime, est. 05, cx. 126, doc. 2482, fl.50).

E segue apontando “Patrícia, que é uma mulher sem escrúpulos, perveça, uma neurótica enfim uma megera que prefere ver o seu próprio filho na cadeia do [que] cumprir com o seu dever” (CEDOC – Centro de documentação e pesquisa -UEFS, processos-crime, est. 05, cx. 126, doc. 2482, fl.50). Embora dona Adelize, mãe de Florência, tenha recorrido a representações socialmente estabelecidas sobre o feminino, associados inclusive ao pensamento freudiano, não sabemos até que ponto sua carta foi atendida. Em um tom bastante ousado, a mãe de Florência insiste que Patrícia alcovitava diversas moças em casa. Para expor sua verdade dos fatos, ela afirma

Eu como mãe da vítima, e com receio que o mesmo aconteça com sua filha, achei que devia avisá-lo. Hoje mesmo encontrei os dois sozinho abraçado no mercado. Caso o sr. queira ter a certeza, venha a Feira, vá ao Foro 8º andar e procure saber de qualquer um dos funcionários se o Erasmo está processado? Pergunte também a qualquer pessoa aqui na Feira quem é a d. Patrícia!!! (CEDOC – Centro de documentação e pesquisa -UEFS, processos-crime, est. 05, cx. 126, doc. 2482, fl.50)

Esta passagem revela que, sem dúvidas, as camadas populares não desconheciam os valores morais sobre o qual se debruçavam os juristas e médicos. No entanto estes grupos se apropriavam de maneira diversa destes últimos. Nesse sentido, por mais que sua vida e da sua filha, segundo as normas sociais que governavam a época, fosse reprovada pela moral pública, Adalice recorria a estas noções para tentar ganhar o processo. Pois como argumenta Esteves, havia apropriações “ diferentes acerca honestidade (...) [Além disso] o atributo de honestidade era válido para moças que saíam a passeio, frequentavam festas ou namoravam com intimidades (...) desde que só tivessem um namorado” (p.156). O que não equivalia para os rapazes, estes foram e, ainda, são socializados para se relacionarem sexual e afetivamente com diversas mulheres, num regime de heterossexualidade obrigatória.

Outro aspecto que ressaltamos neste trabalho é o lúdico da afetividade que pode ser percebida através de alguns bilhetes quem foram escritos por Erasmo e endereçados a Florência. Estes bilhetes só chegaram ao nosso conhecimento por que foram anexados aos autos do processo como prova de que o rapaz realmente fazia promessas futuras de casamento a sua namorada. Se faziam parte de uma demonstração sincera de sentimentos, nunca saberemos ao certo. A partir destes fragmentos podemos analisar as representações do amor romântico e a apropriação deste sentimento no cotidiano amorosos dos jovens da época. De fato, Erasmo afirma ser o autor dos bilhetinhos, porém insiste que não manteve com relações sexuais com sua namorada e declara que até gostava da moça, mas que agora já estava com outras namoradas, negando as intenções de casar-se com ela (CEDOC – Centro de documentação e pesquisa -UEFS, processos-crime, est. 05, cx. 126, doc. 2482, fl.20). Este fato talvez confirme a hipótese de que os bilhetes também fazem parte de uma estratégia de conquista.

De qualquer forma, verificamos uma sensibilidade romântica presente no universo cultural desta sociedade e que está expresso nos poemas que Erasmo escreve. Cujo título era “ 4 estrofes com um só pensamento” e dedicado ao seu “beinho”, pois era assim que supostamente ele chamava Florência. “Se é na amargura /Se é na alegria / A verdade é sempre pura /Te amo mais que à[a] luz do dia” (CEDOC – Centro de documentação e pesquisa -UEFS, processos-crime, est. 05, cx. 126, doc. 2482, fl.70). Estes versos aludem às palavras amargura e alegria e nos remetem aos votos que os amantes

devem fazer uns aos outros no dia do casamento. Conforme pontua Giddens (1993, p.56), o amor romântico “proporciona uma trajetória de vida alongada, orientada para um futuro previsto”. O sentimento amor aqui é representado de modo que a sobrevivência dos amantes depende da presença do outro e, portanto, sendo comparada a própria luz do dia. Em outro verso, Erasmo escreve “Nos meus sonhos/Eu te vejo Muito bela, eu te desejo/ Acordo apenas com a ilusão /De ter-lhe dado um beijo” (CEDOC – Centro de documentação e pesquisa -UEFS, processos-crime, est. 05, cx. 126, doc. 2482, fl.70). O eu-lírico deseja a pessoa amada, mas não a consegue, pois está sonhando e após ser acordado é chamado de volta à realidade. Além disso, o beijo representa as intenções românticas dos versos, mesclando o erotismo e o caráter mais sublime do amor.

A partir de tudo que foi discutido, não podemos elaborar uma conclusão final, mas arriscaremos algumas considerações: a) uma delas é que os pais de Erasmo não aceitavam o namoro por que as famílias pertenciam a universos sociais distintos, sendo Florência filha de mãe separada e pobre; b) A vida sexualmente mais livre e a reputação de Florência pesaram nas escolhas de Erasmo; c) além disso, uma criança (pois, a garota estava supostamente grávida) e casamento poderiam comprometer a carreira de Erasmo que deslanchava com a possibilidade de empregar-se em rádios e tevês na cidade do Rio Janeiro (CEDOC – Centro de documentação e pesquisa -UEFS, processos-crime, est. 05, cx. 126, doc. 2482, fl.30).

Daí se segue que uma análise interseccional faz todo sentido que não só o peso da classe social informa um distanciamento entre as famílias dos jovens e o desfecho da história de Erasmo e Florência. As desigualdades entre os gêneros são produzidas e sustentadas a todo momento na narrativa deles. Isto é perceptível quando, através do processo, não encontramos nenhuma prova de que o rapaz, a despeito de todas as promessas de amor, casou-se com Florência e assumiu a responsabilidade paternal da criança. Igualmente, o fato de possuir uma mãe separada e pobre contribuiu na construção da defesa dos pais de Erasmo que, para proteger o filho, lançou mão de “sistemas de significados, isto é, às maneiras como as sociedades representam o gênero” (SCOTT, p.8) e a sexualidade em relação às mães solteiras.

Depois das confusões entre as famílias, dramas que envolveram uma rede de intrigas, o caso é finalmente arquivado em 10 de junho de 1968(CEDOC – Centro de documentação e pesquisa -UEFS, processos-crime, est. 05, cx. 126, doc. 2482, fl.137). Apesar de que escolhas sexuais e afetivas de Florência também podem ser explicadas pela apropriação de ideias românticas, com certeza estas escolhas também foram “vivas como novo espaço de atividade para as filhas e as esposas

obedientes” (SCOTT, p.28), que reforçavam as assimetrias entre os gêneros. Porém nos resta saber se estas jovens estavam dispostas a aceitar as normas, sem contestações e negociações.

Referências

BRASIL. **Código penal**.9. ed. São Paulo: Saraiva,2003.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

ESTEVES, Martha de Abreu. **Meninas perdidas**: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GIDDENS, Anthony. **Transformações da intimidade**: amor, sexualidade e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993.

LEVI Giovanni; SCHMITT, Jean Claude (org.). **História dos Jovens**. São Paulo: Companhia das Letras,1996.

LIMA, Henrique Espada. **A micro-história italiana**: escalas, indícios e singularidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Feira de Santana em tempos de modernidade**: olhares, imagens e práticas do cotidiano. (1950-1960). Recife: UFPE, 2008. (Tese de Doutorado).

PROCESSO-CRIME, est. 05, cx. 126, doc. 2482. CEDOC – Centro de documentação e pesquisa - UEFS.

RODRIGUES, Andréa da Rocha. **Honra e sexualidade infanto-juvenil na cidade do Salvador, 1940-1970**. Tese de doutorado em História – UFBA, Salvador, 2007.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Cristiane Rufino Rabat e Maria Betânia Alves. New York: Columbia University Press, 1989.

